

## DESASTRE

Na página 3 o vespertino officioso afirma: "... que um dia antes do desastre ferroviário o presidente Vargas recebeu, em audiência especial no Palácio do Rio Negro, o cel. Eurico de Souza Gomes, diretor da Central do Brasil, autorizando a abertura dos créditos necessários à execução do Plano de Emergência... para o imediato reaparelhamento de nossa principal ferrovia".

Na página 4 um cronista do vespertino officioso disse que "o presidente Getúlio Vargas de há muito... concedera o crédito para a reforma e o reequipamento da Central. O tempo alongou-se e as ordens do presidente nesse interim foram inexplicável e sutilmente sabotadas, resultando essa manobra na terrível catástrofe..."

E se queixa de que a oposição "aproveita... para atacar o presidente por causa dos erros de seus auxiliares imediatos..." Temos, assim duas histórias. A acreditar na primeira, o bravo coronel Souza Gomes, um ano depois de empossado, lembrou-se subitamente de que a Central estava podre, e, sacrificando uma noite no Vogue, subiu a Petrópolis para pedir providências ao presidente. O presidente tomou as providências — e 24 horas depois havia o desastre. Se isso é verdade, seria o caso de pedirmos ao coronel ou ao presidente que não tocassem mais neste assunto — pelo amor de Deus!

Na segunda versão há sabotadores e há também auxiliares imediatos que erram. Por que não demitir estes e não enforçar aquêles? Afinal nós todos estávamos pensando que era só o Congresso que sabotava a política do presidente. Agora ficamos sabendo que não: é gente do governo mesmo, auxiliares imediatos — quem sabe se algum ministro, ou o próprio coronel Souza Gomes? O presidente havia providenciado tudo "de há muito"; mas "o tempo alongou-se"...

O sr. Macedo Soares vende outro peixe: o presidente encontrou um plano de reaparelhamento e as verbas competentes, quando assumiu o governo, e o desprezou. Mas o sr. Macedo Soares é da oposição e quer defender o governo passado que, a mais de um ano de distância, o sr. Vargas culpa pelo desastre.

Enfim, houve o desastre, já há 75 mortos e uma infinidade de corpos dilacerados de dor se contorcendo nos hospitais. O sr. Vargas estava brincando com o sr. Barreto Pinto em Petrópolis, e nem sequer desceu. Nem sequer saiu detrás de seu charuto — essa cortina perfumada de fumaça (como diria Orestes Barbosa) através da qual ele oia, sem vêr, este Brasil confuso, quente e triste de cá de baixo.

Ainda bem que depois do desastre tudo ficou providenciado: dentro de 15 dias, segundo o enérgico despacho do presidente teremos... "recomendações... para que o governo possa ajuizar do método... e sobre a possibilidade e conveniência de recorrer a entidades bancárias estrangeiras para financiamento, no todo ou em parte..."

Em resumo: vamos, dentro de uma quinzena, pensar na coisa para ver se vale a pena tentar fazer um "papagaio" num banco estrangeiro. O qual naturalmente também pedirá algum tempo para pensar na "possibilidade e conveniência" de descontar o "papagaio". E tudo isso para resolver um problema que já estava resolvido "de há muito" ou pelo menos na véspera do desastre. Oh, tudo isto é aborrecido. O melhor é um homem se afundar na poltrona e acender um charuto ficar olhando, contra a luz suave, a fumaça azulada e suspirar: "tudo azul..."

E de tardinha, ao ler "O Dia do Presidente", se espreguiçar dizendo: — Meu Deus, como eu trabalhei ontem! E como tive espírito! Não é atoa que hoje estou cansado..."

9/3/52

R.E.